

A IDEOLOGIA CAPITALISTA NO OLHAR DOS ESTUDANTES SOBRE A ESCOLA¹

Hemerson Moura²

RESUMO

Este artigo é fruto de um projeto de pesquisa intitulado *A relação entre capitalismo e educação no olhar dos estudantes sobre a escola*. Partindo de uma perspectiva teórico-conceitual gramsciana, a pesquisa tinha como objetivo principal analisar de que modo a relação entre capitalismo e educação se manifesta no olhar dos estudantes sobre a escola, bem como refletir sobre as possíveis implicações desse olhar para o processo educativo e para a sociedade. Considerando a grande quantidade de dados coletados ao longo de um ano de projeto, a proposta aqui é revisitar algumas hipóteses levantadas no início da pesquisa, fazer um recorte de alguns dados e apresentar uma análise parcial dos mesmos. Em termos metodológicos, utilizaremos para a análise apenas os dados quantitativos coletados ao longo do projeto. Em linhas gerais, a análise dos dados sugere que: há um alinhamento ideológico com o capitalismo por parte dos estudantes da educação básica no que se refere a aceitação e reprodução de valores capitalistas como busca pelo lucro, por ganhar dinheiro e se dar bem na vida através da escola; os estudantes estão altamente contaminados com a ideia de que a escola é um lugar apenas para lhes proporcionar formação para o ingresso no mercado de trabalho.

Palavras-chave: Ideologia capitalista, Gramsci, Educação básica, Estudantes, Escola.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é fruto de um projeto de pesquisa intitulado *A relação entre capitalismo e educação no olhar dos estudantes sobre a escola*. Desenvolvido entre setembro de 2017 e agosto de 2018 nas escolas municipais de São João dos Patos – MA, o referido projeto está situado dentro do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) no âmbito do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão (IFMA) – Campus São João dos Patos, tendo sido contemplado com uma bolsa para estudante do Ensino Superior pela Fundação de Amparo à Pesquisa e Desenvolvimento do Maranhão (FAPEMA). Partindo da perspectiva teórico-conceitual gramsciana sobre educação, a pesquisa tinha como objetivo principal analisar de que modo a relação entre capitalismo e educação se manifesta no olhar dos estudantes sobre a

¹ Uma primeira versão deste artigo foi apresentada no IV CONEDU, em 2017, pelos meus orientandos Filipe de Sousa Carvalho, José Luís da Silva Soares e Ronaldo Dantas dos Santos. Os estudantes citados fizeram parte da equipe da pesquisa que gerou o presente artigo e são, portanto, co-autores deste artigo. Entretanto, em função das regras do CONEDU, que exige a inscrição no evento de todos os autores, não foi permitido inseri-los como co-autores no momento da inscrição do trabalho.

² Mestre em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE); um dos líderes do Laboratório de Estudos de Populações Tradicionais e Educação (LEPTE/IFMA), cadastrado no CNPq; professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão (IFMA) – Campus São João dos Patos, hemerson.silva@ifma.edu.br

escola, bem como refletir sobre as possíveis implicações desse olhar para o processo educativo e para a sociedade.

Considerando a limitação de espaço para trabalhar todos os dados coletados ao longo de um ano de pesquisa, nosso objetivo com o artigo em tela é realizar uma análise e propor um debate relacionado às hipóteses levantadas no trabalho que apresentamos no IV Congresso Nacional de Educação (CONEDU) de 2017³. Assim, centraremos nossos esforços em apresentar alguns dados quantitativos da nossa pesquisa do PIBIC que corroboram algumas das hipóteses levantadas naquela ocasião.

Do trabalho do IV CONEDU, intitulado *A relação entre capitalismo e educação no olhar dos estudantes sobre a escola: tecendo algumas hipóteses*, destacamos aqui para nossa análise duas das hipóteses levantadas: I. Há um provável alinhamento ideológico com o capitalismo por parte dos estudantes da educação básica no que se refere a aceitação e reprodução de valores capitalistas como busca pelo lucro, por ganhar dinheiro e se dar bem na vida através da escola; II. Os estudantes aparentam estar altamente contaminados com a ideia de que a escola é um lugar apenas para lhes proporcionar formação para o ingresso no mercado de trabalho.

METODOLOGIA

A pesquisa que deu origem a este texto foi realizada com estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental (rede pública) da área urbana do município de São João dos Patos – MA, sendo os dados coletados no próprio ambiente escolar.

A abordagem metodológica foi mista, utilizando-se de técnicas quantitativas e qualitativas de pesquisa social. Os dados quantitativos foram coletados através de entrevistas estruturadas desenvolvidas pelo bolsista e os voluntários da pesquisa sob a coordenação do orientador, autor principal deste artigo.

Para o processo de coleta de dados quantitativos selecionamos alguns alunos dos cursos superiores do IFMA – Campus São João dos Patos para serem entrevistadores voluntários. Os mesmos passaram por uma etapa de formação, em seguida foram divididos em equipes e enviados a cada escola a ser pesquisada. A tabulação e análise dos dados

³ Publicado nos anais do IV CONEDU, no ano de 2017, o referido trabalho pode ser consultado em <https://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV073_MD4_SA4_ID7054_14102_017153451.pdf>.

quantitativos foram realizadas através da frequência de aparição das respostas por meio do programa de computador IBM SPSS.

A pesquisa teve como universo 320 estudantes, contou com um nível de confiança de 90% (noventa por cento) e uma margem de erro de 5% (cinco por cento). Para que a pesquisa fosse estatisticamente relevante, o cálculo amostral apontou que necessitávamos da aplicação de 147 questionários. A fim de garantir a substituição imediata de algum possível questionário invalidado, fizemos um pequeno acréscimo no número de entrevistas, que passou para um total de 154 alunos entrevistados.

Dos 154 entrevistados, apenas 110 souberam informar a renda familiar mensal. Dentre estes que informaram a renda da família, 71,81% afirmaram ter renda familiar igual ou inferior a R\$ 1.000,00; 19,09% informaram uma renda entre R\$ 1.001,00 e R\$ 2.000,00; 8,18% informou uma renda familiar entre R\$ 2.001,00 e 3.000,00; e apenas 0,9% afirmou que a renda da família era maior que R\$ 3.001,00.

O cálculo amostral foi feito com a ajuda da calculadora de tamanho de amostra do site <<https://pt.surveymonkey.com>>.

Tendo um total de seis (6) escolas diferentes, divididas em doze (12) turmas nos turnos matutino e vespertino, fizemos o cálculo do número de questionários a serem aplicados em cada turma, garantindo as devidas proporções em relação ao tamanho da turma e a quantidade de meninas e meninos.

Embora tenhamos também coletado dados qualitativos, para o presente artigo nos limitaremos a discutir apenas alguns dados quantitativos, conforme mencionado anteriormente. Portanto, não cabe aqui descrever o processo de coleta e análise dos dados qualitativos.

MARCO TEÓRICO-CONCEITUAL

A relação entre capitalismo e educação

Frequentemente se pensa o capitalismo apenas em termos de um sistema econômico ou como um modo de produção de bens e riquezas. Porém, é preciso lançar mão de um olhar mais amplo e perceber que valores e práticas sociais são fundamentais para a manutenção do sistema capitalista. Valores e práticas relacionadas a individualismo, competição, sucesso profissional, mérito, lucro etc., constituem a base ideológica – no sentido marxista do termo – do capitalismo. Sem essas ideias sendo difundidas e reforçadas diuturnamente pelas diversas

instituições sociais (mídia, política, educação, religião, economia etc.) dificilmente esse sistema sobreviveria. Nesse sentido, pode-se dizer que é possível encontrarmos uma relação íntima entre o capitalismo e as instituições sociais. Com a educação não é diferente.

Da metade do século XX em diante a relação entre capitalismo e educação só se estreitou. Nos dias atuais é dominante a tese segundo a qual a educação tem um papel fundamental no desenvolvimento econômico de um país. Isso nos leva a refletir o quanto os indivíduos que estão inseridos nessas sociedades veem a educação como um dos principais meios de ascensão social.

Na medida em que a educação é pensada em função do desenvolvimento do sistema capitalista ela automaticamente adotará como princípios e diretrizes o seu arcabouço ideológico. Porém, a questão que se coloca é como a ideologia capitalista influencia a visão que os estudantes têm da escola e principalmente quais as suas possíveis implicações para o processo educativo, de modo específico, e para a sociedade, de modo mais geral.

Parece inegável que a educação escolar, sob a responsabilidade do Estado, anda de braços dados com o sistema capitalista, haja vista o próprio processo de esvaziamento de sentido da educação como direito constitucional por meio da sua mercantilização promovida pela expansão da rede privada de ensino. Atrelado a isso, não é difícil observar que o juízo de valor atribuído a uma escola para classificá-la como de “boa” ou “má qualidade” está relacionado a fatores como índice de aprovação em processos seletivos para universidades, institutos tecnológicos ou concursos públicos; isto é, está relacionado ao futuro dos jovens e adolescentes no e para o mercado de trabalho.

A própria lei nº 9.394/1996, mais conhecida como LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), aponta, em seu artigo 2º, a qualificação para o trabalho como uma das finalidades da educação escolar. Além dessa passagem ela também faz menção, em vários outros trechos, sobre a vinculação entre escola e mundo do trabalho, especialmente depois da educação básica brasileira ter sofrido uma reforma por meio da Medida Provisória 746/2016, apresentada pelo executivo nacional ao congresso e transformada na Lei nº 13.415/2017.

As ligações entre capitalismo e educação, criadas, mantidas e reforçadas pelo Estado, certamente influenciam a visão de mundo dos estudantes sobre a escola e na sua formação. A questão é saber como influencia. Quais os sentidos atribuídos à escola pelos adolescentes. Como afirma Gramsci, “se cada Estado tende a criar e a manter certo tipo de civilização e de cidadão (e, portanto, de convivência e de relações individuais), tende a fazer desaparecer certos costumes e hábitos e a difundir outros.” (GRAMSCI *apud* NOSELLA & AZEVEDO,

2012, p. 25). A questão é saber quais valores sobre a escola permeiam o imaginário social dos estudantes e o que eles nos dizem.

Aporte teórico-conceitual gramsciano

Quando nos propomos, pois, a compreender a influência da ideologia capitalista na visão que os estudantes têm da escola e suas prováveis consequências para o processo educativo e para a sociedade brasileira, nos deparamos com um primeiro conceito gramsciano importante para o nosso aporte teórico, a *ideologia*. Para Gramsci, diferentemente do conceito marxista clássico, *ideologia* se refere, grosso modo, a uma visão de mundo. Porém, é preciso perceber que não se trata de uma visão de mundo particular de um indivíduo, mas das ideias traçadas e difundidas pelo que Gramsci chama de *bloco histórico*, segundo conceito fundamental para nossa proposta de análise da realidade social. Conforme sua veia marxista, para o pensador italiano há, nas sociedades, uma disputa pelo poder entre diversos grupos, mais precisamente entre as diferentes classes e frações de classes. Nos momentos em que a disputa se acirra, há uma tendência à polarização entre os que querem manter o poder (classe dominante) e os que querem mudar o poder de mãos (classe dominada). *Bloco histórico*, portanto, seria cada um desses agrupamentos de classe que buscam concentrar no seu interior as forças materiais e ideológicas da sociedade e conquistar o poder, representado principalmente pela conquista da gerência do *Estado*. Nesses termos, pode-se pensar a *ideologia* como a concepção de mundo ou o conjunto de ideias de um *bloco histórico*. Obviamente tais ideias serão sempre favoráveis à manutenção do poder do *bloco histórico* que as criou, afinal estabelecer a sua visão de mundo é fundamental para que as classes mantenham ou conquistem o poder.

Outro conceito central – já mencionado, mas não desenvolvido – é o de *Estado*. Para desenvolver esse conceito Gramsci observou primeiramente que o *Estado* não se impõe apenas pela força, mas também pela ideologia e pela cultura que servem como instrumento para se atingir o consenso na sociedade. Assim, sua definição de *Estado* corresponde à junção entre o que o autor chama de *Sociedade Política* (coerção) e *Sociedade Civil* (consenso ideológico). Nas palavras do autor, “(...) deve-se notar que na noção geral de Estado entram elementos que também são comuns à noção de sociedade civil (neste sentido, poder-se-ia dizer que Estado = sociedade política + sociedade civil, isto é hegemonia revestida de coerção).” (GRAMSCI *apud* NOSELLA, 2012, p. 30). Enquanto *sociedade política* corresponde ao conjunto das instituições governamentais que detém o monopólio da violência

e exercem o seu poder com o uso da força através dos aparelhos estatais de coerção; *sociedade civil* corresponde ao conjunto das instituições civis (igrejas, escolas, mídia, partidos políticos, associações sindicais, empresas, clubes etc.), entre elas a escola, onde a disputa pelo poder se dá fundamentalmente no campo das ideias. Nela o consenso não é alcançado por meio da força, da coerção, mas por meio da ideologia e da cultura. A *sociedade civil* é o ambiente da persuasão e do convencimento. Aqui, segundo Gramsci, é o lugar por excelência da luta pela *hegemonia*. Na *sociedade civil* os grupos sociais disputam para estabelecer suas diferentes visões de mundo e suas formas de organização da cultura por meio do convencimento. Para Gramsci, “não basta apenas eliminar a exploração econômica de uma classe sobre a outra, eliminar a apropriação privada dos meios de produção da riqueza, como demonstrara Marx no século anterior. É preciso também lutar contra a apropriação privada, ou elitista do saber e da cultura.” (RODRIGUES, 2007, p. 76).

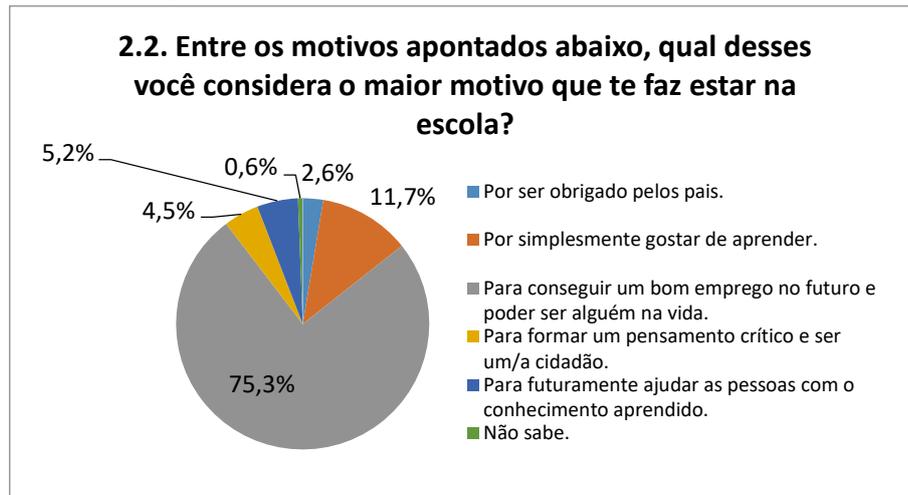
Com o conceito de *hegemonia*, Gramsci deixa explícito, mais uma vez divergindo do marxismo ortodoxo, a importância e o papel da superestrutura na luta de classes. Enquanto Marx e seus seguidores ortodoxos pensavam na transformação da consciência (superestrutura) como efeito da transformação das condições materiais de existência (infra-estrutura), Gramsci entendia que a luta também se dá no campo das ideias.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Diante do que já foi dito até aqui, passamos a apresentar alguns dos dados mais significativos no sentido de corroborar as hipóteses destacadas anteriormente, discutindo-os à luz do aporte teórico-conceitual gramsciano.

Um dos dados mais significativos obtidos na pesquisa diz respeito ao que mobiliza os estudantes para estarem na escola. Considerando que o questionário aplicado na coleta de dados quantitativos era do tipo “fechado”, diante do questionamento sobre o maior motivo para estar na escola, os estudantes tinham à sua disposição seis diferentes possibilidades de resposta. Como se pode observar no Gráfico 1, abaixo, incríveis 75,3% indicaram como maior motivação a conquista de um bom emprego no futuro e ser alguém na vida.

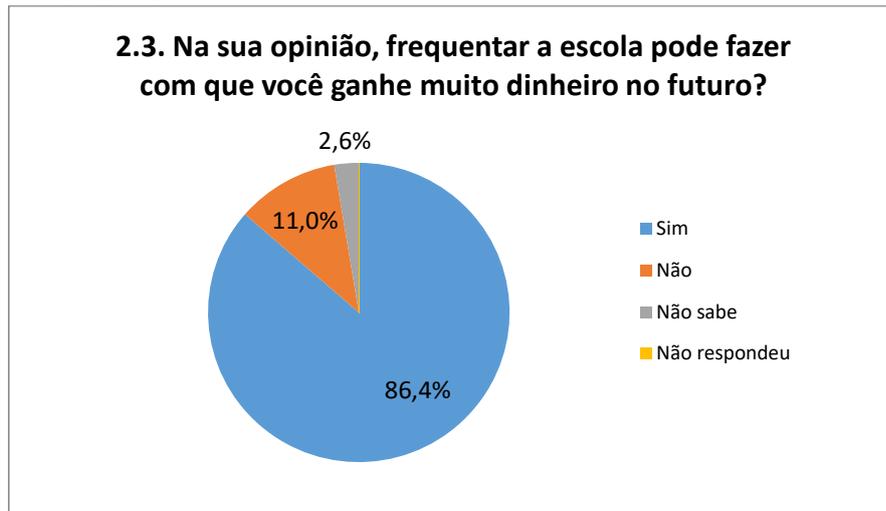
Gráfico 1



Note-se que os estudantes pesquisados tinham à sua disposição possibilidades de respostas relacionadas à imposição familiar e social (“por ser obrigado pelos pais”); ao prazer pelo conhecimento (“por simplesmente gostar de aprender”); à formação cidadã (“para formar um pensamento crítico e ser um cidadão”) – prevista inclusive na LDB como uma das finalidades da educação brasileira; ou aos interesses coletivos da sociedade da qual fazem parte (“para futuramente ajudar as pessoas com o conhecimento aprendido”). Entretanto, sintomaticamente a maioria esmagadora resumiu sua motivação para estar no ambiente escolar a partir da opção de resposta mais alinhada a valores capitalistas como individualismo, sucesso profissional e acumulação de riquezas.

A predominância desses valores na visão dos estudantes sobre a escola pode ainda ser constatada nos dados do Gráfico 2, que mostram não só o alinhamento dos adolescentes à ideologia capitalista, como também a relação instrumental que os mesmos têm com a educação escolar. Para 86,4% dos estudantes entrevistados, frequentar a escola pode fazer com que eles ganhem muito dinheiro no futuro.

Gráfico 2



Conforme as hipóteses levantadas no início da nossa pesquisa, os dados apresentados acima corroboram certo alinhamento ideológico dos estudantes da educação básica no que se refere à aceitação e reprodução de valores capitalistas no seu olhar sobre a educação escolar e na maneira como se relacionam com a escola. A busca por ganhar dinheiro e se dar bem na vida individualmente, bem como a crença de que a escola é apenas um meio para se atingir esses objetivos foi a tônica das respostas dos alunos da rede municipal de São João dos Patos.

Para Gramsci, a escola e a educação são importantes vetores da *ideologia* e da cultura. Sendo assim, identificarmos aqui uma forte relação entre capitalismo e educação no olhar dos estudantes sobre a escola nos permite, de certo modo, compreender que a *ideologia* capitalista se impõe aos estudantes não apenas na visão sobre a escola, mas nas concepções de mundo desses adolescentes.

Neste sentido, Gramsci nos possibilita entender que a escola é também espaço de disputa de poder. Há no seu interior a circulação de diferentes visões de mundo que travam uma batalha no campo das ideias. Entretanto, reconhece o autor italiano que o estabelecimento de uma *hegemonia*, isto é, uma maneira particular de um *bloco histórico* de pensar o mundo e as relações sociais que tem predominância sobre as demais ideias, dificulta o potencial de atuação das visões de mundo *não-hegemônicas*. Não à toa Gramsci considera que a *hegemonia* está imbricada ao processo de dominação das classes menos favorecidas.

Fazer com que os estudantes vejam a escola sob uma perspectiva unilateral tem sido um método extremamente eficaz para manter as coisas exatamente como estão. Ora, se a maioria dos estudantes pesquisados acredita que a escola é um instrumento para enriquecer, nada mais natural do que aceitarem a privação de direitos sociais das quais são as principais

vítimas como resultado direto e exclusivo daquilo que eles próprios fizeram ao longo da vida escolar.

Ao identificarmos a *hegemonia* presente na visão que os estudantes patoenses têm sobre a escola, passamos a compreender o aparelhamento ideológico da escola pelo *bloco histórico* capitalista como forma de manutenção do poder das classes altas sobre as classes menos abastadas. Obviamente ao fazermos isso por meio do aporte teórico-conceitual gramsciano não pensamos na escola apenas como lugar de reprodução das desigualdades sociais, conforme os teóricos reprodutivistas⁴, mas como arena de disputa de ideias, de luta de classes, de contra-hegemonia.

Porém é preciso reconhecer que os conflitos ideológicos na *sociedade civil* ocorrem com um *bloco histórico* já tendo estabelecido sua *hegemonia*, portanto, com larga vantagem, por assim dizer, frente às ideologias concorrentes. Isso fica bastante evidente na homogeneidade das respostas dos estudantes aos questionamentos feitos ao longo das entrevistas e representadas pelos dados apresentados nos gráficos 1 e 2.

Cabe pontuar que a atuação da ideologia capitalista na educação não se resume ao nível das microestruturas do ambiente escolar. Ao contrário disso, tal atuação pode ser sentido também e principalmente no nível macroestrutural, como por exemplo, pela atuação do Banco Mundial e da UNESCO, a nível mundial, e pela atuação dos dirigentes do Estado brasileiro, a nível nacional, na formulação das políticas públicas educacionais⁵.

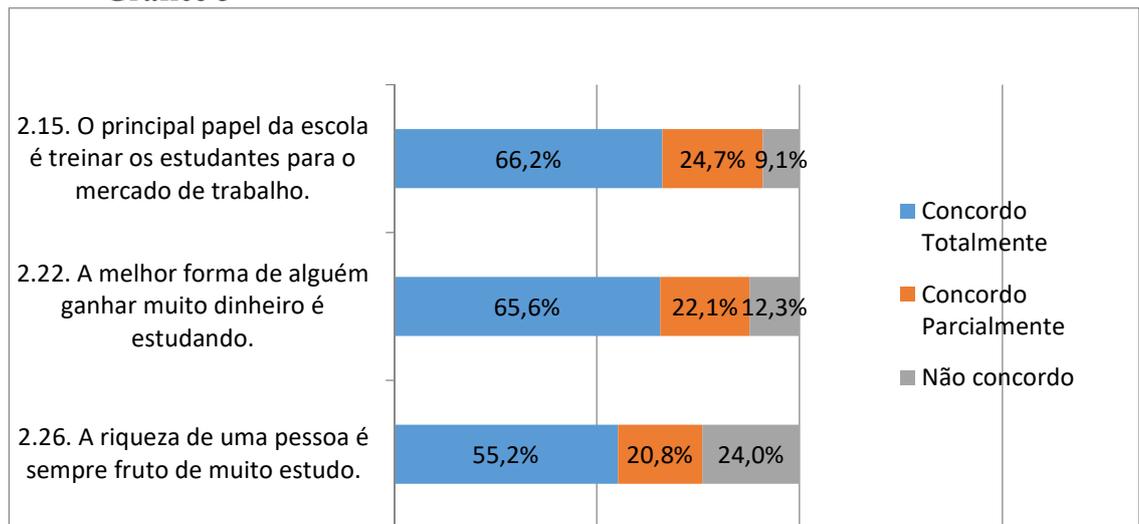
Outros dados coletados sugerem fortemente a validação de uma segunda hipótese levantada no início da pesquisa. Constatamos que nossos estudantes estão altamente contaminados com a ideia de que a escola é um lugar apenas para lhes proporcionar formação para o ingresso no mercado de trabalho.

Em determinado momento das entrevistas, solicitamos aos estudantes que classificassem seu posicionamento para frases que circulam pela sociedade. Assim, os entrevistadores liam uma frase e pediam que os adolescentes se posicionassem em relação a ela com “concordo totalmente”, “concordo parcialmente” ou “não concordo”. Vejamos o gráfico abaixo com algumas dessas frases.

⁴ A respeito disso, ver Saviani (2018, p. 14-17).

⁵ Para um bom panorama sobre esse debate, ver Mota Júnior & Maués (2014).

Gráfico 3



No Gráfico 3 fica evidente o nível de contaminação dos estudantes pelas ideias do que Gramsci chamava de *industrialismo tradicional*, próprias da ideologia capitalista, que vê a escola exclusivamente como local de formação de mão de obra. Não por coincidência, diversos estudos apontam que a relação que o Banco Mundial mantém com a educação se situa dentro de uma lógica economicista calcada na Teoria do Capital Humano, que pensa a implementação de políticas educacionais e a escola em função do mercado, isto é, apenas como instrumentos para o desenvolvimento econômico dentro do modelo de produção capitalista. (MOTA JÚNIOR e MAUÉS, 2014; TOMASSI *et al*, 2003).

Dos dados apresentados no Gráfico 3, nos parece emblemático que 90,9% dos adolescentes entrevistados nas escolas patoenses de alguma maneira concordem com a afirmação de que o principal papel da escola seja treinar os estudantes para o mercado de trabalho.

A despeito da atuação de outras instituições sociais para a afirmação da identidade escolar fincada exclusivamente nos interesse de mercado, nos parece imperativo que as escolas, os profissionais da educação e os formuladores de políticas educacionais se engajem no sentido de reverter essa visão puramente economicista que os estudantes têm da educação escolar, sob o risco de continuarmos fracassando nos objetivos de tornar a nossa sociedade mais justa, igualitária e democrática. Precisamos resgatar o sentido gramsciano da *cultura desinteressada* nas escolas, relacionada a uma formação escolar mais humanista e universal, e menos voltada ao mercado ou à profissionalização precoce, e avançar no sentido da proposta de *Escola unitária*, vista pelo autor como uma escola que equilibra formação técnico-científica com formação humanista e universal.

Apesar de se falar muito sobre a dimensão crítica, cidadã e humanística da formação escolar, aparentemente os sujeitos da cena educacional (profissionais da educação, técnicos administrativos, alunos, pais/mães/responsáveis) parecem não se dar conta da predominância da dimensão técnico-científica na formação das crianças e adolescentes. A valorização da educação apenas como uma exigência de mercado aliado à difusão e manutenção, no ambiente escolar, de valores e práticas sociais relacionadas ao individualismo, competitividade, lucro, mérito etc., certamente já trouxe e ainda trará impactos desconhecidos. Afinal, para onde caminha a escola e a formação dos estudantes nos dias atuais? É possível conciliar, a um só tempo, ideais como igualdade e competitividade? Como isso afeta a formação dos adolescentes e a visão e a relação que eles têm da/com a escola?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em linhas gerais, a análise dos dados aqui realizada sugere que: há um alinhamento ideológico com o capitalismo por parte dos estudantes da educação básica no que se refere a aceitação e reprodução de valores capitalistas como busca pelo lucro, por ganhar dinheiro e se dar bem na vida através da escola; os estudantes estão altamente contaminados com a ideia de que a escola é um lugar apenas para lhes proporcionar formação para o ingresso no mercado de trabalho.

Confirmar algumas das hipóteses levantadas inicialmente na pesquisa nos ajuda a compreender e questionar o caminho que estamos trilhando para desenvolver a educação das nossas crianças. É certo que a influencia capitalista sobre os sistemas educacionais não se restringe a uma esfera objetiva da sociedade como usar as escolas para formar mão de obra. Trata-se também (e talvez principalmente) de influenciar valores e práticas sociais; concepções de mundo; hábitos; crenças; costumes, interferindo, portanto, em toda a dinâmica social.

Nesse sentido, cabe ainda nos perguntarmos de que modo a ideologia capitalista tem impactado e ainda pode impactar na formação dos nossos estudantes. Que tipo de sociedade nós queremos construir? Que tipo de relação queremos que as gerações mais novas tenham com o conhecimento? Que escola queremos e teremos no futuro? Ora, se o capitalismo não resolveu o problema das desigualdades sociais mundo afora (pelo contrário, aprofundo-o), por que se insiste que esse é o melhor modelo de desenvolvimento e a escola deve se pautar nesse modelo?

Como se pode ver, a partir do pequeno estímulo e da contribuição deste artigo para o debate no campo da educação, deixamos acima algumas das questões que podem nortear pesquisas futuras, partindo sempre da premissa gramsciana de que é possível a transformação do mundo pelo via educacional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, LDB. Lei 9394/96. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 10 Set. 2019.

BRYM, Robert *et al.* **Sociologia – sua bússola para um novo mundo**. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

GOMES, Cândido Alberto. **A educação em novas perspectivas sociológicas**. 4. ed. rev. e ampl. São Paulo: E.P.U., 2012.

GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. 4. ed.; Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

GROPPO, Luís Antonio. *O Marxismo e a Sociologia da Educação*, in MORAIS, Regis de; NORONHA, Olinda Maria; GROPPPO, Luís Antonio (orgs.), **Sociedade e educação: estudos sociológicos e interdisciplinares**. Campinas: Alínea, cap. 5, p. 131-166, 2008.

MORAIS, Regis de; NORONHA, Olinda Maria; GROPPPO, Luís Antonio (orgs.). **Sociedade e educação: estudos sociológicos e interdisciplinares**. Campinas: Alínea, 2008.

MOTA JÚNIOR, William Pessoa da; MAUÉS, Olgaíses Cabral. *O Banco Mundial e as Políticas Educacionais Brasileiras*. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 39, n. 4, p. 1137-1152, out./dez. 2014.

NOSELLA, Paolo. *Compromisso político e competência técnica: 20 anos depois*. In **Educação e Sociedade**, Campinas, vol. 26, n. 90, p. 223-238, Jan./Abr. 2005.

NOSELLA, Paolo; AZEVEDO, Mário Luiz Neves de. *A educação em Gramsci*, In **Revista Teoria e Prática da Educação**, v. 15, n. 2, p. 25-33, maio/ago. 2012.

RODRIGUES, Alberto Tosi. **Sociologia da educação**. Rio de Janeiro: Lamparina, 6. ed. 2007.

SAVIANI, Dermeval. *A crise estrutural do capitalismo e seus impactos na educação pública brasileira*. In LOMBARDI, José Claudinei (org.). **Crise capitalista e educação brasileira**. Uberlândia: Navegando Publicações, cap. 1, p. 31-45, 2016.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**. 43 ed. rev. Campinas: Autores Associados, 2018.

TOMMASI, Livia; WARDE, Mirian Jorge; HADDAD, Sérgio (Org.). **O Banco Mundial e as Políticas Educacionais**. São Paulo: Cortez, 2003.